



água

Património de Moura



água

Património de Moura

2017



Ficha técnica | catálogo

Coordenação e textos
Santiago Macias

Colaboração
Vanessa Gaspar

Fotografias e desenhos
António Cunha
Zambrano Gomes
Fábio Moreira
Foto Almeida
Orlando Fialho
Mário Machado
Carlos Rico
José Mendes Alves (Zé Nela)
Centro de Estudos Geográficos
Arquivo Água Castello
Arquivo Histórico Municipal – João Francisco da Mouca
SkyEye

Design gráfico
Luis Pedro

Impressão
Gráfica Comercial – Arnaldo Matos Pereira, Lda

Tiragem
500 exemplares

ISBN
978-972-8192-60-0

Depósito legal
427468/17

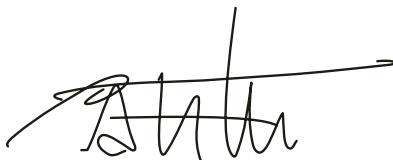
Edição
Câmara Municipal de Moura | Moura | 2017

À Sombra da Água deveria ter sido o título da exposição, mas foi quase unanimemente chumbado pela equipa que trabalhou no projeto. Ao esoterismo da ideia contrapôs-se a realidade física de um património que a todos pertence. “Água – Património de Moura” marcou o arranque de um ciclo de exposições que irão ocupar o espaço central do Museu Municipal. Resolvemos dar destaque à água enquanto elemento essencial à vida e enquanto motivo inspirador para o nascimento de Moura.

O percurso da exposição quis-se didático. Da explicação geológica da abundância de água na nossa terra se passou ao sublinhar das suas diversas existências. Do ponto de vista químico a água é só uma. No entanto, os seus usos diversos, conferem-lhe distintas identidades: a que tem uso comercial (Água Castello) não é a mesma do batismo; a dos pescadores não é exatamente a das lavadeiras. A água lúdica das piscinas é diferente da das fontes, que são cenários teatrais da cidade. Da arqueologia e das peças de outrora, tornadas estranhas pelo peso do tempo, se passou aos materiais e às formas das coisas contemporâneas.

Fotografias, objetos, desenhos, pequenas histórias, números, ditados populares ajudaram a ilustrar uma exposição e deram mais sentido a este património, que é de todos nós.

O catálogo inclui todos os textos da exposição e uma seleção dos materiais ali patentes.



Santiago Augusto Ferreira Macias
Presidente da Câmara Municipal de Moura

Ficha Técnica | exposição

Realização
Câmara Municipal de Moura

Curadoria e textos
Santiago Macias

Comissariado Executivo
Vanessa Gaspar
Marisa Bacalhau

Projeto Expositivo
Patrícia Novo

Coordenação geral da produção
TerraCulta – Consultoria, Produção e Gestão Cultural
Francisco Motta Veiga

Consultoria museográfica
António Viana

Design gráfico
Silvadesigners

Créditos fotográficos
António Cunha
Fábio Moreira
Jorge Gaspar
Zambrano Gomes
ADASA – Associação de Defesa do Património Cultural
e Ambiental de Santo Amador
Arquivo Histórico Municipal – João Francisco da Mouca
Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa
Foto Almeida
Museu da Água Castelo
SkyEye

Quadro do Rio Guadiana
José Mendes Alves (Zé Nela)

Desenho do Aquífero Moura-Ficalho
Augusto Marques da Costa

Luminotecnia
Vitor Vajão – projeto
Manuel V. A. Delgado – montagem

Som
Jorge Murteira

Construção e montagem
J. C. Sampaio

Produção gráfica
B.A.R. – Branco às Riscas

Apoio à montagem – obras e infraestruturas
José Filipe Martinho

Apoio técnico
Alberto Ramos (seleção de materiais contemporâneos)
José Francisco Finha (consultor fotográfico)
Luísa Almeida (inventário de peças arqueológicas)
Manuel Passinhas da Palma (restauro de materiais)
Mário Machado (desenho de peças arqueológicas)
Marta Coelho (inventário de peças arqueológicas)

Parceiros
Mineraqua Portugal – Água Castello
Bombeiros Voluntários de Moura
Turismo do Alentejo, E.R.T.
ADASA – Associação de Defesa do Património Cultural
e Ambiental de Santo Amador
Águas Públicas do Alentejo
EDIA – Empresa de Desenvolvimento
e Infra-Estruturas do Alqueva

Colaboração
AlquevaTours
Break! Momentos Fantásticos
Clube H2O de Moura
Clube Moursense Amadores de Pesca e Caça Desportiva
Jornal “A Planície”

Castelo de Moura
vista aérea



À sombra da água

A história de Moura começa no castelo. À sólida posição defensiva que o cerro mais alto da cidade proporcionava, vieram juntar-se os férteis terrenos à sua volta e a abundância de água que caracteriza este território. Estava encontrada a chave do crescimento da cidade ao longo dos séculos.

As Memórias Paroquiais de 1758 sublinham bem esse facto, ao referir que “entre as innumeráveis [fontes] que há dentro e fora da villa, he mais célebre a que rebenta no interior do castello (...). Não se sabe a sua origem, mas he tam célebre que secando-se muytos annos os outros aqueducttos da villa sem excepção, e quantas dellas imanam nunca experimentarão em suas ágoas deminuição levíssima”.

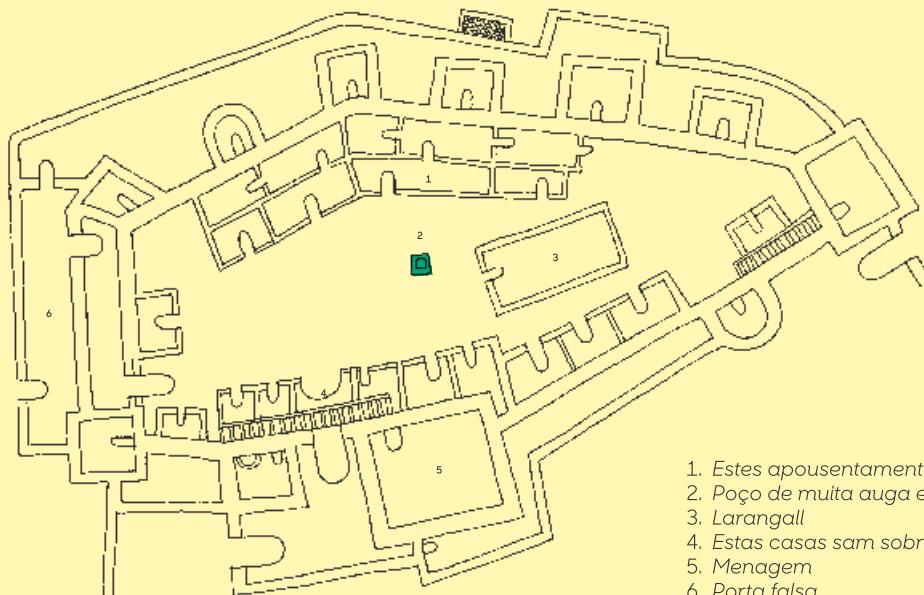
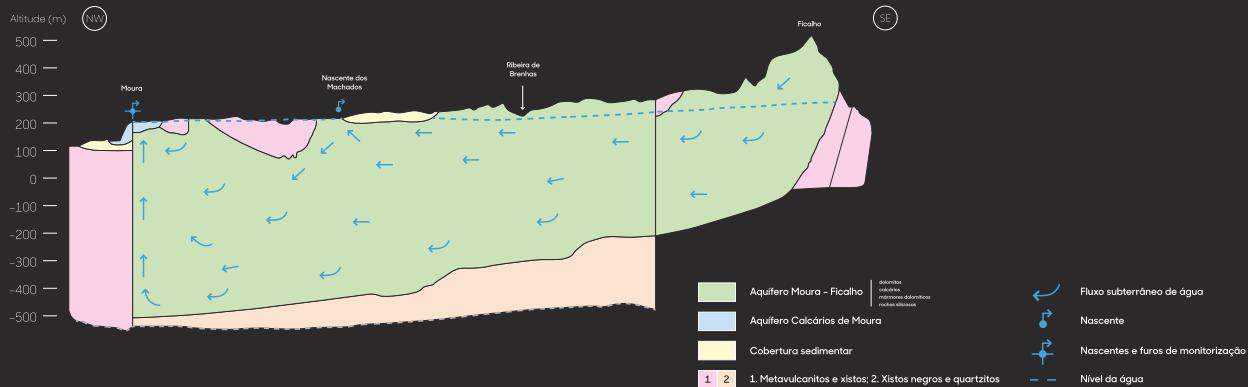
Foi à sombra dessa água, e da sua permanente presença, que a cidade cresceu e prosperou. Naquele tempo não se conhecia ainda a explicação científica para tal abundância, nem que um caudal subterrâneo era a causa do fenómeno.

Mais de dois séculos e meio depois a água continua a vir das profundezas. E a ser a garantia do futuro.

Versão simplificada a partir de estudo de Augusto M. Costa
O Aquífero Moura-Ficalho é o principal e mais extenso da região com cerca de 170 Km²

Planta da alcáçova do castelo de Moura
Desenho de Duarte Darnas (início do século XVI)

Corte hidrogeológico entre Moura e Ficalho



Fonte de vida

Registava-se, nas Memórias Paroquiais de meados do século XVIII: “há tantas fontes perenes nesta villa, que sendo sem número as fazendas de pomares, hortas e quintas, que fazem este povo aprazível, fresco e abundante de toda a sorte de frutas, mais que muytos outros desta provincia, he rarissima a fazenda que não recebe o beneficio das águas sem artificio algum”. Esse potencial económico não se circunscrevia à atividade agrícola. O resmalhar das redes da pesca, o lento movimento das azenhas, o rumor das mulheres lavando nas ribeiras faziam, também, parte dessa paisagem das sociedades tradicionais.

No século XX, o potencial económico da água conheceu um significativo impulso, com o nascimento da empresa da Água Castello. Inicialmente instalada nesse local, a expansão da atividade ditou a sua mudança, há quase 80 anos, para os Pizões. A empresa tornou-se um dos maiores símbolos do concelho e uma das marcas nacionais com maior projeção, dentro e fora de portas.



A imagem de uma mulher oriental, popularmente conhecida como "a santa", é o ponto central desta bica



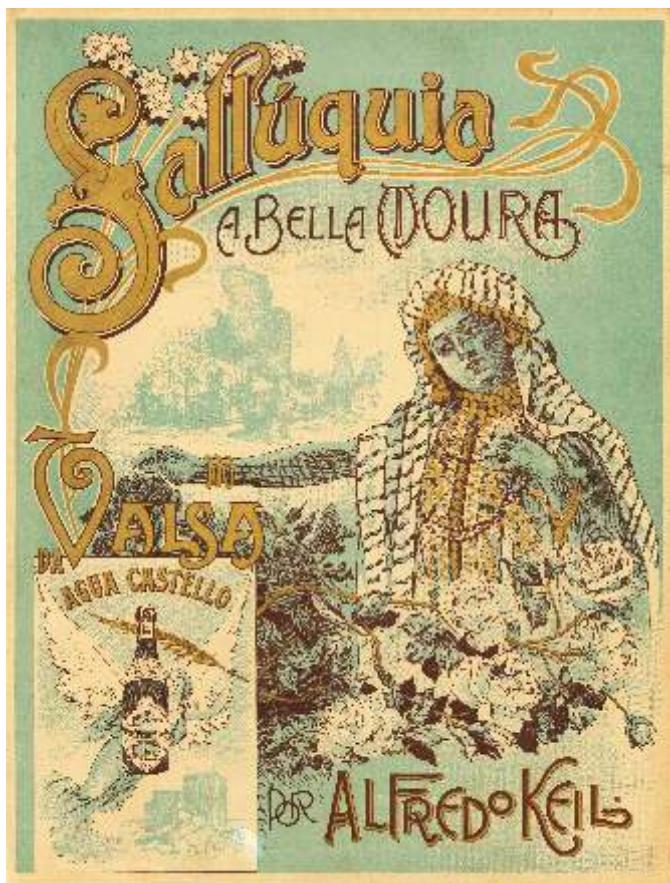
Estabelecimento termal nos inícios do século XX. Nitem-se a pintura dos arcos, em branco e preto, num revivalismo otomano

Água Castello

Os números são expressivos: a unidade de engarrafamento conta com um perímetro de proteção de 670 hectares, a curta distância de Moura. A Água Castello dá trabalho a 30 pessoas. A água, captada em dois pontos, é depois engarrafada: 25.000.000 de garrafas, o que corresponde a 5.000.000 de litros de água. As vendas são feitas em Portugal e em 10 outros países, sendo a América do Norte o principal mercado de exportação.

A Água Castello é, contudo, mais que simples números. O arranque do engarrafamento ocorreu há mais de um século. A empresa Assis & Ca. ocupava-se ainda de um estabelecimento termal e dava corpo ao Grande Hotel. Desde então a cidade e a sua empresa das águas foram-se tornando sinónimo. A unidade de engarrafamento foi local de trabalho de muitas gerações. E se a ligação hotel-termas-águas minerais se diluiu ao longo do tempo, a Água Castello afirmou-se, aos mais diversos níveis, como uma excecional água mineral.

A comunicação assumiu papel preponderante na ligação da empresa com o público. A encomenda da Valsa da Água Castello a Alfredo Keil, a produção de cartazes, postais e fotografias fizeram parte de uma ativa estratégia de afirmação. Que se prolongou no uso de conhecidas figuras da vida artística (como António Silva ou Herman José) em spots publicitários. E que culminou na abertura ao público do Museu da Água Castello, que alberga um valioso e expressivo espólio, sintetizando 115 anos de vida.

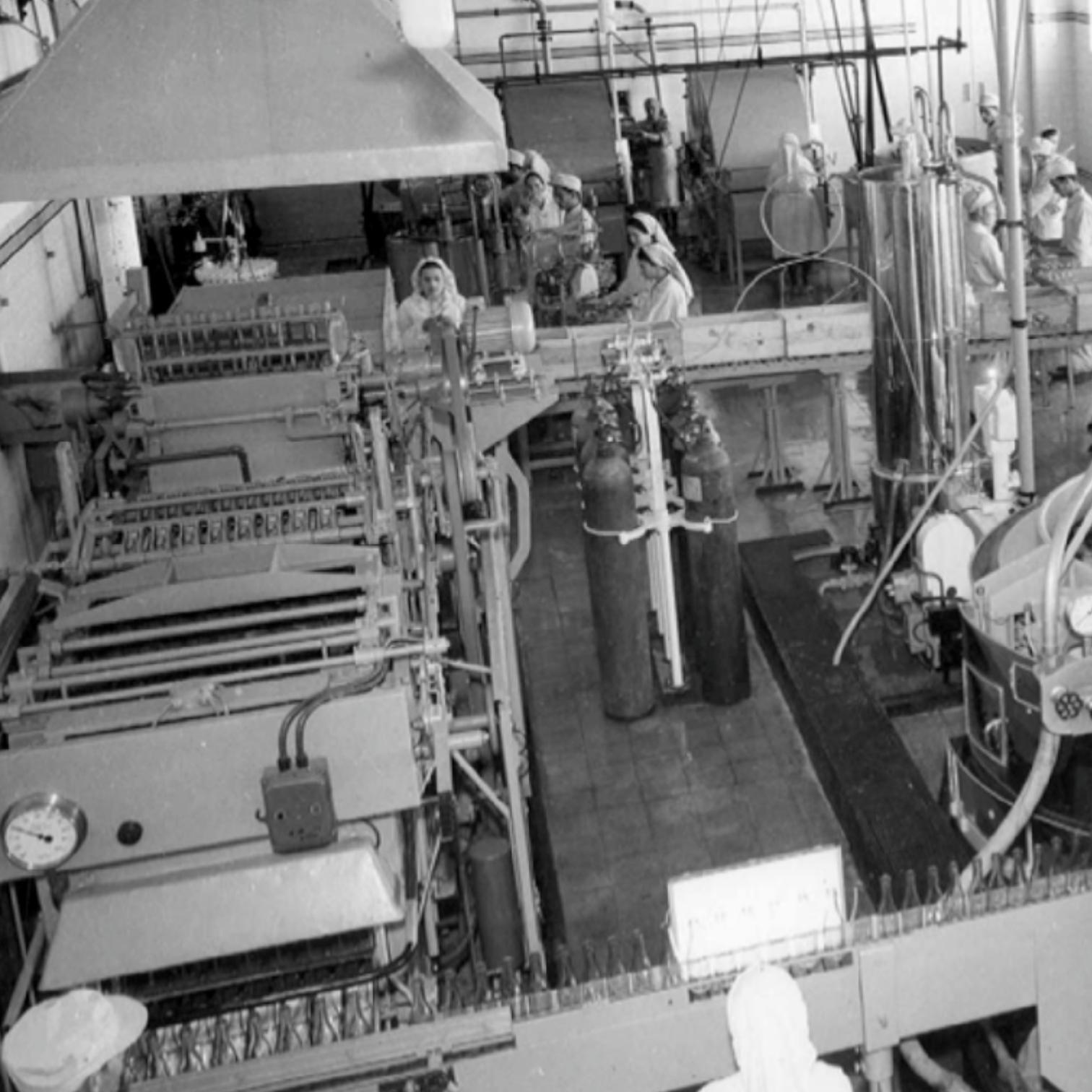


"Valsa da Água Castello"
de Alfredo Keil, partitura para piano.
Papel, início do século XX, col. Água Castello



Cartaz da Água Castello,
destinado ao mercado nacional
Papel, início do século XX, col. Água Castello

Água Castello
unidade de engarrafamento nos Pizões (anos 50/60)
[págs. seguintes]





Alqueva

A água, matriz da cidade e um dos seus principais símbolos, continua a marcar o presente e a lançar perspectivas de futuro para os mourenses. A miragem de Alqueva continua a ser miragem. Os números são, uma vez mais, impressionantes. A barragem tem uma capacidade total de 4 150 hm³ e um espelho de água de 250 km². A albufeira tem um comprimento de 83 km (a distância em linha reta de Moura a Montemor-o-Novo, sensivelmente) e 1160 kms de margens, mais do que a linha de costa de Portugal Continental. Limitações de ordem diversa fazem com que este empreendimento não sirva ainda os interesses do concelho de Moura. Um plano de ordenamento feito à medida dos grandes empreendimentos e um sistema de rega que passa, quase por completo, à margem do nosso território, são fatores decisivos de travagem ao desenvolvimento.

A miragem de Alqueva terá, um dia, de ganhar corpo. Antes que da miragem não fique mais do que o deserto.



Água para todos

A água é de todos. As águas são livres. Era nessas águas que se pescava. A pesca no rio era uma forma de subsistência. Séculos a fio, os homens de Moura aprenderam a lidar com as águas calmas do Ardila e do Guadiana. Tarrafas, galritos, tresmalhos, as nassas, foram sendo imaginados e construídos ao longo de muitas gerações. Os barcos de fundo chato também nasceram assim, adaptando-se aos fundos baixos destes cursos de água. Resistiram até há pouco e foram-se apagando, à medida que os velhos pescadores desistiram e quase desapareceram.

Era também à água livre das ribeiras que as mulheres iam lavar a roupa da família ou dar resposta às encomendas das senhoras da cidade. Ai se conversava e convivia. As margens das ribeiras – Roda, Toutalga, Brenhas e Ardila – eram espaço privilegiado de trabalho, de troca de informações, de lazer ou até de diversão. As margens do Guadiana eram ligadas por barcas, como a do Ameixial, desaparecida há cerca de 35 anos e à qual os textos medievais já faziam referência.



Rede de pesca e pesos
Fio de nylon e algodão,
cortiça e chumbo,
século XX, col. ADASA



Armadilha de pesca "nassa"
Verga de Pereiro, século XX,
col. ADASA

Lavadeiras do Ardila
junto a Santo Amador
|pág. seguinte esq. |

A barca do Ameixial
Em primeiro plano identifica-se
Romão António Borralho,
o popular Romão da Barca
|pág. seguinte dta. |









“Os 6 amigos que fourom passar - Uma paródia no Guadiana”, 1978
A zona da barca do Ameixial, na perspetiva do pintor popular José Mendes Alves (Zé Nela)

A barca do Ameixial
numa fotografia de 1969

Água rural, água urbana

A água é urbana e é rural. No espaço agrícola, a água é um instrumento prático de trabalho e de produção. Era a água que fazia, com vagar, mover as azenhas, no tempo em que havia moleiros. A água dos campos é prática. Tem objetivos precisos e concretos. A água destina-se a ser recolhida, distribuída, serve para regar, para ajudar a terra a ser fértil. É uma água produtiva, que alimenta e que mata a sede.

Na cidade é outra água a que se mostra. O sentido prático da água dos campos é, no espaço urbano, convertida em cenário e em espetáculo. Há, por toda a parte, fontanários de arquitetura elaborada. As Três Bicas, do início do século XIX, a Santa Comba, refeita em 1891 no local de uma antiga fonte, a Bica do Leão ou a Santa, iniciativas turísticas do Estado Novo, fazem parte de um embelezamento da cidade e têm mais a ver com projetos de afirmação política do que com o simples abastecimento.



Piscina Municipal
Inaugurada em 1976



Windsurf
Lazer e tempos livres
na albufeira de Alqueva



Três Bicas
construção do início
do século XIX



Bica de Santa Comba
cujo desenho atual data
do final do século XIX



Rega

A abundância de água em Moura obrigou, ainda assim, ao estabelecimento de regras precisas na sua distribuição. Banhos, fontes, hortas, requeriam uma gestão cuidada e ponderada. O que se regava, e como se regava, está testemunhado em textos antigos. As velhas canalizações, e os objetos usados nessas tarefas, são quase só uma memória arqueológica.



Azenha junto a Porto Mourão
no Ardila (anos 30)



Sistema de irrigação moderno

Carro de rega - Século XX
Ao serviço da Câmara Municipal de Moura, de 1937 a 1972

Água Tempo

Da captação ao consumo, passando pelo transporte e pela conservação, o uso da água levou à criação de um conjunto de objetos que foram, ao longo do tempo, sofrendo alterações importantes.

Os elementos recolhidos na arqueologia dizem respeito ao consumo doméstico da água, ainda que a relação entre os utensílios e os espaços da casa não esteja aqui presente. Pareceu-nos, por isso, importante colocar em confronto objetos de ontem e de hoje. A forma de um copo ou de uma garrafa pode ter mudado, de modo sensível, ao longo dos séculos. A sua função manteve-se.

Madeira, cerâmica, vidro, metal, plástico. Os materiais evoluem e dão resposta a novas e crescentes necessidades. O confronto entre novas e antigas formas ajuda-nos a perceber a evolução dos objetos e a forma como a utilização da água se modificou ao longo dos tempos. Passado e futuro ligam-se aqui, de forma perceptível.

A subida das águas após o fecho das comportas da barragem de Alqueva, trouxe um novo cenário à procissão na aldeia da Estrela





Termo
Alumínio e plástico
Século XX
Col. particular



Garrafa Água Castello
Vidro
Início do século XX
Proveniente de escavação arqueológica
no Castelo de Moura, 2005



Copo
Vidro
Século XXI



Taça
Cerâmica modelada
Século XVII

Captação e distribuição

Os textos antigos falam em “aqueductos”: “hum delles rompe dentro do Convento do Castello, em huma perene fonte que dá bastante água para toda a comunidade”. A captação da água prendia-se, de perto, com um sentido de bem comum e com a necessidade de prestar um serviço coletivo. As descrições são coloridas: “[outra canalização] sahe da praça defronte de Sam Joam, por três canos de bronze e cahindo em huma grande pilheca de mármore, desce a um xafaris de matéria semelhante que serve as persizoinz do povo (...)”. O abastecimento da população era feito a partir destes locais, até à instalação da rede de água ao domicilio, que data dos anos 50 do século XX. A captação subterrânea da Fonte da Telha, situada a curta distância de Moura, dá hoje resposta, em articulação com os depósitos em São Lourenço e com o reservatório junto ao parque de feiras, às necessidades de grande parte do concelho.

Estação elevatória de captação de água
ETA do Ardila

Captação e distribuição de água
nascente da Fonte da Telha
| págs. seguintes |







Da conservação às águas residuais

Do barro se passou ao plástico. Bilhas, cântaros e cantis em cerâmica garantiam a frescura natural da água, tirada dos poços ou recolhida nos fontanários. O gelo era uma raridade, fabricado em sítios longínquos e destinado às mesas ricas das cidades. A eletricidade e o frigorífico popularizaram os luxos de outrora.

O transporte de água era feito por métodos artesanais. Dos cântaros e dos carros se evoluiu para condutas, cada vez mais modernas. A evolução foi rápida: do ferro passou-se ao fibrocimento, deste ao pvc. Os materiais respondem a exigências de todo o género, que visam garantir qualidade e segurança aos consumidores.

Os esgotos subterrâneos, complementados em tempos recentes com as estações de tratamento, substituíram os gritos de “água vai”, com que era costume acompanhar o lançamento de dejetos na via pública. O tratamento das águas residuais foi sempre um problema da maior seriedade nos espaços urbanos. A arqueologia deixa-nos testemunhos de alguns desses objetos, designadamente os que eram usados no âmbito doméstico.



Cano
Fibrocimento
Século XX



Contador
Latão, bronze, plástico e esmalte
1957



Cantil
Cerâmica comum
Séculos XIII - XV



Penico
Cerâmica vidrada
Séculos XVII - XVIII



C.M. MOURA

ESGOTOS

FUCOLI

Tampa de saneamento
Ferro Fundido
Século XX

Poços medievais

Os bocais de poço em cerâmica têm origem no período islâmico, tendo sido utilizados ao longo de todo o período medieval. Os dois exemplares que estiveram expostos no antigo matadouro são provenientes do bairro da Mouraria e datam dos séculos XIV-XV. Um deles pertence a uma habitação, onde se conservou até há pouco. O outro, que aqui se reproduz foi encontrado durante a realização de trabalhos arqueológicos. Os motivos decorativos deste último, de tradição antiga (alguns são semelhantes aos que encontramos em peças dos séculos IV-III a.C.) foram gravados com uma estampilha de madeira.

Tratam-se, provavelmente, de peças de fabrico local. Há paralelos conhecidos em Córdova, em Sevilha e num museu em Buenos Aires.



Bocal de poço
Cerâmica com decoração estampilhada
Séculos XIV - XV

Consumo da água

Moura nasceu e cresceu à sombra da água. As águas subterrâneas por baixo dos nossos pés, as que correm à superfície (Guadiana, Ardila, Brenhas...), as que surgem, como se dum milagre se tratasse, em pleno castelo da cidade, dão sentido a uma ocupação milenar. Sem água, o cerro do castelo seria igual a tantos outros no interior alentejano. Foi a sua presença que, justificadamente, fez crescer e prosperar uma cidade. Foi essa água que, entre poços, nascentes e fontanários, deu de beber aos mourenses.

O abastecimento tornou-se matéria complexa e sofisticada. Hoje são 82 quilómetros de condutas, 1.840.285 m³ de água consumida, quase 10.000 consumidores em todo o concelho. Em cada ano, a autarquia paga pelo serviço de abastecimento de água 1.000.000 de euros. Números que impressionam e que refletem a resposta a uma necessidade e a um direito. A totalidade dos habitantes do concelho de Moura tem acesso permanente a água potável, uma conquista ainda recente. É essa conquista da água enquanto bem público que se pretende perpetuar. E para a qual esta exposição pretende ser um contributo.



Jarrinha
Cerâmica comum
Século XIV

A água nos adágios

Dar água pela barba
Carga de água
Ficar tudo em águas de bacalhau
Dar com os burrinhos na água
Meter água
Crescer água na boca
A água dos rios corre sempre para o mar
Ninguém diga desta água não beberei
Uma gota de água no oceano
Como peixe na água
Pescar em águas turvas
Sacudir água do capote
Ir tudo por água abaixo
Levar a água ao seu moinho
Água vai!
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura
Tempestade num copo de água
Águas passadas não movem moinhos
Presunção e água benta, cada qual toma a que quer
Água o deu, água o levou
Água parada, água estragada
A água silenciosa é a mais perigosa
Trazer água no bico



água

Património de Moura

2017



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional